



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ANTONIO TRAJANO DE LIRA JÚNIOR**

**A NATUREZA CULTURAL DA LINGUAGEM: Edward Sapir e sua  
doutrina linguística**

GUARABIRA – PB  
2013

**ANTONIO TRAJANO DE LIRA JUNIOR**

**A NATUREZA CULTURAL DA LINGUAGEM: Edward Sapir e  
sua doutrina linguística**

Artigo apresentado como trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Doutora Edilma de Lucena Catanduba

GUARABIRA – PB  
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

L322n

Lira Junior, Antônio Trajano de

A natureza cultural da linguagem: Edward Sapir e sua doutrina linguística / Antônio Trajano de Lira. - Guarabira: UEPB, 2013.

17f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Edilma de Lucena Catanduba

.

1. Linguística
2. Linguagem – aspectos culturais
3. Edward Sapir I. Título.

22.ed. CDD 410

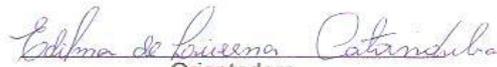


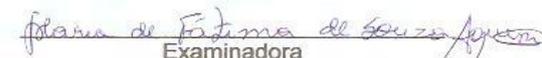
ANTONIO TRAJANO DE LIRA JÚNIOR

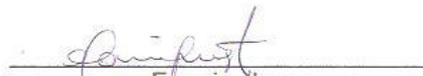
**A NATUREZA CULTURAL DA LINGUAGEM: Edward Sapir e sua  
doutrina linguística**

Artigo apresentado como trabalho de  
Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção  
do grau de licenciado em Letras.

Aprovado em 20/03/2013.

  
Orientadora  
Profa. Dra. Edilma de Lucena Catanduba

  
Examinadora  
Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino

  
Examinadora  
Profa. Dra. Maria Suely da Costa

# A NATUREZA CULTURAL DA LINGUAGEM: Edward Sapir e sua doutrina linguística

LIRA JÚNIOR, Antonio Trajano de<sup>1</sup>

## RESUMO

Edward Sapir, discípulo de Franz Boas e um dos linguistas mais importantes do século XX, foi um dos grandes pensadores da língua/linguagem e um dos responsáveis por uma mudança doutrinária no estudo das línguas indígenas da América do Norte, de uma abordagem histórico-comparativa para uma abordagem descritiva da estrutura das línguas. Para Sapir a língua/linguagem se configura como uma das maiores conquistas culturais da humanidade. Neste trabalho, apresentamos um pouco da vida e algumas das ideias mais significativas deste importante linguista e filólogo estadunidense, tendo como foco o seu livro *A Linguagem, introdução ao estudo da fala*, sua obra mais importante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística. Linguagem. Cultura. Sapir

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas das ideias mais importantes de um dos maiores linguistas do século XX, na obra *A Linguagem, introdução ao estudo da fala*, de Edward Sapir, livro que foi publicado pela primeira vez em 1921 e que ainda faz eco nos dias de hoje.

Edward Sapir, antropólogo e linguista discípulo de Franz Boas, um dos maiores expoentes da Antropologia Cultural, e outros estudiosos de sua geração foram os responsáveis pelo que hoje se costuma designar “Padrão Clássico das Ciências Sociais”. Este modelo funciona como ponto de partida para a análise de diversos fenômenos humanos, inclusive a linguagem, sob um ponto de vista cultural, relegando em grande parte a influência biológica no comportamento dos indivíduos.

Dada a relevância de suas ideias e a importância da obra de Sapir para a ciência da linguagem, neste trabalho procuramos examinar os principais argumentos e hipóteses do linguista e antropólogo no livro *A Linguagem, introdução ao estudo*

---

<sup>1</sup>Graduando em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: antoniolira1985@hotmail.com

*da fala* tomando como focos principais o primeiro capítulo do livro (Parte Introdutória: linguagem e sua definição) e o décimo capítulo da obra (Língua, Raça e Cultura) ambos de suma importância para a exposição teórica defendida por Sapir em toda a sua obra. Será também utilizado o suporte teórico de um dos maiores pesquisadores e linguistas que o Brasil já teve: o filólogo e linguista brasileiro Mattoso Câmara Jr., tradutor da obra de Edward Sapir para o português e que muito enriqueceu sua tradução com o apêndice *Um Século de Estudos Lingüísticos nos Estados Unidos da América (1860 – 1960)*.

Procuramos apresentar um pouco da vida, influências, obra e características da doutrina linguística de Edward Sapir que influenciou e contribuiu na reformulação da linguística dos Estados Unidos da América de uma abordagem historicista e comparatista das línguas indígenas norte-americanas para uma abordagem descritiva da estrutura linguística.

## **EDWARD SAPIR: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA**

Edward Sapir nasceu em Luxemburgo, antiga Prússia, em 1884, mas foi nos Estados Unidos da América - para onde emigrou com a família ainda na infância, aos 5 anos de idade - que encontrou notoriedade, tornando-se, nas palavras de Mattoso Câmara “uma autêntica expressão da cultura norte-americana” (CÂMARA JR, 1971, p. 7). Graduou-se em filologia germânica pela Universidade de Colúmbia e era “a um tempo antropólogo, lingüista de campo e indo-europeista” (CÂMARA JR, 1971, p. 9). Sua obra encontra-se espalhada em seus vários artigos, monografias e conferências, que versam sobre as línguas indígenas dos Estados Unidos da América e do Canadá, além de outros assuntos aparentemente menos afins, tais como cultura, arte e música, e até mesmo de matérias que versam sobre a própria linguística enquanto ciência. A amplitude de suas reflexões revela, assim, um cientista e pesquisador preocupado com as bases, princípios e metodologias de uma disciplina que passava por uma fase de grande ebulição em sua época e desde então não parou de crescer em importância para se tornar uma das ciências mais prolíficas das humanidades no século XX.

Sapir chegou a ser nomeado chefe da Divisão de Antropologia do Museu Nacional do Canadá em 1910 e inaugurou em 1925, na Universidade de Chicago, o

ensino da linguística geral, indo posteriormente integrar o corpo docente da Universidade de Yale. Faleceu em 1939, aos 56 anos de idade. Sua obra considerada mais importante é *A Linguagem: introdução ao estudo da fala*. Este livro, publicado pela primeira vez em 1921, embora promettesse ser apenas uma espécie de livro de divulgação científica, tomou grande importância pelo modo como Sapir se posiciona de forma clara e objetiva, evitando ao máximo a linguagem técnica, e pelo caráter inovador de suas abordagens.

## **EDWARD SAPIR E FRANZ BOAS: UM DIÁLOGO FUNDAMENTAL**

Uma figura da maior importância, não só na vida de Sapir, mas também para a Etnologia, Antropologia e Linguística Norte Americana na primeira metade do século XX, foi, sem dúvida, Franz Boas. Nas palavras de Mattoso Câmara, “devemos considerá-lo o iniciador do movimento de renovação de princípios e métodos a que se acostumou chamar a escola lingüística norte-americana.” (CÂMARA JR, 1971, p. 230), e foi ele quem traçou toda uma agenda para o desenvolvimento de ambas as disciplinas e na análise descritiva das línguas indígenas.

Antes de Franz Boas, a etnologia estudava todos os fenômenos culturais à luz da descrição científica, os dados eram coletados e depois minuciosamente analisados, classificados e interpretados sem que fosse levada em conta sua origem histórica, mas o mesmo não ocorria com a análise das línguas, pois o modelo utilizado pelos etnólogos e antropólogos era todo baseado na concepção historicista e comparatista das línguas, que era a concepção linguística em vigor na época.

Assim, segundo Mattoso Câmara, a atuação de Franz Boas se verificou de duas maneiras:

Em primeiro lugar, na organização de um *Manual de Línguas Indígenas Americanas* para o qual reuniu uma equipe selecionada de pesquisadores, traçando linhas gerais, inteiramente novas, para as monografias, dentro de um plano de lingüística descritiva que forma impressionante contraste com os trabalhos etnológicos de línguas ‘primitivas’ até então publicados. Em segundo lugar, pela ‘Introdução’, que escreveu para o primeiro volume do manual em 1911, e é um verdadeiro programa de renovação doutrinária na teoria geral da linguagem. (MATTOSO CÂMARA JR apud SAPIR, 1971, p. 230)

Como podemos perceber, existia na época uma espécie de preconceito com as línguas que não fossem ditas modernas ou clássicas. As línguas indígenas eram consideradas “primitivas”, não apenas porque eram línguas que não possuíam um sistema de escrita próprio e uma literatura correspondente (pois os seus usuários nativos eram povos ágrafos), e sim porque eram línguas faladas por povos que eram considerados primitivos, ou pouco civilizados em relação aos povos da Europa e América do Norte.

Franz Boas e Edward Sapir (num trabalho em conjunto entre Antropologia e Linguística, duas ciências autônomas), também, posteriormente, ajudaram a acabar com esse mito mostrando que muitas dessas línguas “primitivas” eram tão ricas e muitas vezes formalmente mais complexas do que as línguas dos povos “civilizados” da Europa. A etnologia, até então, como dito anteriormente, trabalhava os dados linguísticos coletados das línguas indígenas sob uma perspectiva historicista vinda de uma tradição gramatical clássica que acabava topando com uma multiplicidade de línguas indígenas complexas e muitas vezes exóticas e que sequer tinha um “passado escrito”. Franz Boas percebeu que tal modelo de análise era ineficiente na descrição das línguas indígenas e traçou linhas gerais para a coleta e análise de dados dessas línguas sob um ponto de vista puramente descritivo, pois,

O descritivismo lingüístico, em moldes verdadeiramente científicos, não poderia, entretanto apoiar-se na teoria gramatical greco-latina até então dominante, que a lingüística, apenas interessada no comparatismo histórico, deixara intocada e até, muitas vezes, displicentemente utilizara, como um *piss-aller*. Boas estabeleceu em seu lugar o método de depreender da própria língua analisada os princípios gramaticais que espontaneamente resultavam da estrutura lingüística, revelada pela análise. (CÂMARA JR, 1971, p. 231)

Nascia, assim, sob a orientação de Franz Boas, o *Manual de Línguas Indígenas Americanas*, do qual Boas se incumbiu de escrever a introdução onde apresenta a sua doutrina linguística, princípios e metodologias que se caracteriza, segundo Mattoso Câmara, por,

uma concepção da língua como parte integrante da cultura, mas ao mesmo tempo a convicção de que não há qualquer relação necessária entre uma estrutura lingüística e a cultura material e espiritual que ela comunica, consubstancia e transmite. (CÂMARA JR, 1971, p. 232)

Ainda nas palavras de Mattoso Câmara que nos esclarece sobre a importância de Franz Boas para a linguística, em um artigo que escreveu (*Um Século de Estudos Lingüísticos nos Estados Unidos da América*), e acrescentou como apêndice a sua tradução do livro de Edward Sapir, foi Boas quem

criou as bases de uma lingüística descritiva, na América do Norte, alguns anos antes da obra póstuma de Saussure, em 1916, ter estabelecido a dicotomia entre estudo lingüístico sincrônico e diacrônico, e muitos anos antes dessa dicotomia ter encontrado plena aceitação na Europa, passando a orientar a lingüística para uma metodologia descritiva, a par da tradicional técnica histórico-comparativa. (CÂMARA JR, 1971, p. 231)

Nesse contexto, “assim se preparava o caminho para o estudo em profundidade da forma linguística em si e por si.” (CÂMARA JR, 1971, p. 232)

Como dito anteriormente, “uma primeira e fundamental contribuição do *Manual*, dirigido por Boas, para o estudo linguístico dentro da etnologia lingüística, foi o tratamento inteiramente descritivo das línguas indígenas” (CÂMARA JR, 1971 p. 231). Entre os pesquisadores que participaram com trabalhos no *Manual* estava Edward Sapir, que reunia algumas qualidades intelectuais que o faziam se sobressair entre os outros participantes do *Manual* organizado e orientado por Boas, uma vez que

Na equipe que então se constituiu e culminou com a colaboração do *Manual de Línguas Índias Americanas*, publicado a partir de 1911, Sapir se destacou pela sua formação lingüística especializada, decorrente da condição de graduado em filologia germânica pela Universidade de Colúmbia. (CÂMARA JR, 1971, 1971, p. 9)

Naturalmente, as numerosas monografias do *Manual* são de valor teórico muito variável, e a maioria dos colaboradores não se desvencilhou das idéias gramaticais adquiridas; mas algumas – como o tratamento do Takelma por Sapir no segundo volume, de 1922, da obra – foram pioneiras da original e fecunda técnica descritiva que caracterizou mais tarde a lingüística indígena norte-americana. E a própria posição teórica assumida, independentemente dos efeitos práticos, era uma grande inovação. (CÂMARA JR, 1971, p. 231)

O contato e a aproximação com Franz Boas foram decisivos para Sapir, na medida em que a experiência em campo como um etnólogo e antropólogo aliada a seus conhecimentos de filólogo, e posteriormente a publicação no *Manual*, expandiu seu horizonte teórico e metodológico, levando-o a se interessar pelos vários aspectos da cultura, como por exemplo, a arte, a música e a literatura, e não apenas

pela descrição e análise linguística. “Assim, a um tempo antropólogo, lingüista de campo e indo-europeísta, soube Edward Sapir conciliar os três interesses em diversos trabalhos” (CÂMARA JR, 1971, p. 9)

Foi assim, segundo Mattoso Câmara, que:

Edward Sapir, (...), deve ao seu contacto com Boas a original orientação que tão singularmente o destaca entre os contemporâneos; ele próprio declara que foi levado a uma revisão dos conceitos lingüísticos tradicionais, que haurira como especialista de filologia germânica, depois de ouvir uma conferência de Boas sobre o estudo das línguas indígenas norte-americanas. (CÂMARA JR, 1971, p. 230)

Ainda segundo o grande filólogo brasileiro, podemos reconhecer que,

Se com Franz Boas temos assim o primeiro decisivo impulso para uma nova filosofia lingüística, que podemos caracterizar como norte-americana, vamos encontrar em seu muito mais moço companheiro e até certo ponto discípulo, Edward Sapir, um pensamento já plenamente elaborado já nesse sentido.(CÂMARA JR, 1971, p. 233)

## A LINGÜÍSTICA DE EDWARD SAPIR

Edward Sapir escreveu muitos artigos e conferências, sobre os mais diversos assuntos, e algumas monografias que eram o resultado de suas pesquisas sobre línguas indígenas dos Estados Unidos e do Canadá, como o seu elogiado trabalho sobre a língua *takelma*, que figurava na segunda edição do *Manual de Línguas Indígenas Americanas* de Boas, em 1922, pondo em prática os ensinamentos do mestre no trato descritivo da análise linguística. Sapir também foi o responsável pelo registro da língua *paiúte*, que na época era um dialeto desconhecido, quando literalmente encontrou o último índio que o falava morrendo de fome em um hospital de Chicago.

Mas foi em 1921, que Edward Sapir publicara aquela que seria a sua obra mais importante: *A Linguagem, introdução ao estudo da fala*, obra que nas palavras de Mattoso Câmara constitui-se em “um estimulante e original pequeno tratado, que pretendia ser elementar e de divulgação” (MATTOSO CÂMARA JR apud SAPIR, 1971, p 233). “Pretendia” porque Sapir o fez sem se preocupar em utilizar a simbologia e o jargão técnico da linguística – “Evitei a maior parte dos termos técnicos e todos os símbolos técnicos da academia lingüística”, (SAPIR, 1971 p.16) -

nem utilizara malabarismos filosóficos na composição de seus argumentos. E como avisa o próprio Sapir no seu prefácio:

Destina-se este livrinho a dar uma visão de conjunto a respeito da linguagem. (...) o seu escopo precípua é mostrar a minha maneira de se conceber a linguagem e as suas relações com outros interesses humanos básicos: o problema do pensamento, a natureza do processo histórico, a raça, a cultura, a arte. (SAPIR, 1971 p. 15)

Mas, nem por isso, não pense o leitor que se trata de um livro “fácil”; embora seja um livro de leitura relativamente agradável para os curiosos e profissionais da área e para o público em geral. Em algumas passagens do livro é preciso certo esforço e atenção para acompanhar o desenvolvimento das ideias e argumentos do autor em seus mais de dez capítulos.

Uma observação da mais alta conta deve ser feita em relação à atitude de Sapir ao compor seu livro. Por causa dessa sua atitude academicamente “informal” para a época, Sapir deixou aqueles que se debruçaram sobre sua obra em dúvida, pois há uma quase total ausência de referenciais teóricos, pois quase nunca cita qualquer outro trabalho ou autor que o possa ter influenciado na consolidação de suas ideias linguísticas.

Assim nos informa Mattoso Câmara:

É difícil rastrear as influências que sofreu Sapir na elaboração do seu pensamento lingüístico, porque raramente cita outros autores e não nos apresenta bibliografia nem nos seus artigos nem no seu pequeno tratado sobre *A Linguagem*, que, como se disse acima, pretendia ser elementar e de divulgação. (CÂMARA JR, 1971, p. 233)

Em certo sentido, podemos admitir que as ideias linguísticas de Sapir acabam convergindo, em certa medida, da doutrina linguística de Ferdinand de Saussure; mas de acordo com Mattoso Câmara “é uma convergência espontânea, pois nada indica que ele tenha tido conhecimento da obra póstuma do mestre genebrino.” (CÂMARA JR, 1971, p. 234)

Por causa dessa possível aproximação de concepções e ideias, um dos discípulos de Saussure, Alan Gardiner, acusou Sapir de confundir os termos *langue* e *parole* “em virtude do subtítulo da ‘introdução ao estudo da fala’ (ing. Speech) que leva o pequeno tratado de Sapir sobre *A Linguagem*.” (CÂMARA JR, 1971, p. 234). Quem nos esclarece a polêmica é mais uma vez Mattoso Câmara:

Gardiner nisto foi vítima de um engano de interpretação léxica: tendo ele próprio traduzido 'parole' por 'speech', passa a só compreender o termo inglês com a significação terminológica estrita que lhe atribuíra, e não lhe ocorre o sentido usual do termo que o faz sinônimo de 'linguagem'. A verdade é que o intento de Sapir, com aquele subtítulo, foi apenas contornar a ambigüidade do termo inglês 'language', que adotou para título de sua obra, 'Language' com efeito, tanto corresponde à 'língua' no sentido concreto de meio de comunicação numa dada sociedade, como à 'linguagem', ou seja, com o alcance de um coletivo abstrato que abarca todas as línguas humanas no caráter, que lhes é comum, de processo vocal de comunicação. (CÂMARA JR, 1971, p. 235)

Na análise de Mattoso Câmara, foi Sapir “quem mais clara e incisivamente, na linguística norte-americana, definiu a língua como forma e levou às suas naturais consequências essa interpretação.” (CÂMARA JR, 1971, p. 235). Depois de afastado o excessivo historicismo na análise linguística e iniciada uma nova fase na linguística dos Estados Unidos da América, Sapir pôde com toda a sua bagagem de filólogo e indo-europeísta, associar a linguística histórico-comparatista indo-europeia e a ameríndia. Tinha como pressuposto para isso a convicção de uma identidade essencial do fenômeno linguístico e acreditava na possibilidade de se estabelecer uma linguística geral, “em que princípios permanentes se aplicam, no plano descritivo e no plano histórico, às línguas aparentemente mais diversas” (CÂMARA JR, 1971, p 239).

## **A LÍNGUA/LINGUAGEM COMO ENTIDADE CULTURAL**

É em seu livro *A Linguagem, introdução ao estudo da fala* - publicado nos Estados Unidos da América pela primeira vez em 1921 - que se encontra a essência das ideias linguísticas de Edward Sapir sobre o fenômeno da linguagem, o seu modo de entender, interpretar e relacioná-lo a outros aspectos referentes à cultura, tais como arte e literatura; a discussão sobre a relação entre a linguagem e o pensamento; a falta de correspondência entre língua, raça e cultura; a universalidade da linguagem e a diversidade de formas linguísticas; a natureza histórica e cultural da linguagem e uma definição direta de língua/linguagem cunhada pelo próprio Sapir.

Para o discípulo de Franz Boas, a língua/linguagem é uma entidade, uma instituição histórica produto da cultura humana em constante evolução no tempo e

no espaço e como tal deveria ser estudada do mesmo modo que todos os outros fenômenos culturais, uma vez que

Podemos com proveito tratar da intenção, da forma e da história da linguagem, precisamente como tratamos de qualquer outro aspecto da cultura humana – da arte ou da religião, por exemplo – à maneira de uma entidade institucional ou cultural, deixando de lado os mecanismos orgânicos e psicológicos que a condicionam, como coisa aceita uma vez por todas. (SAPIR, 1971 p. 24)

Sapir rejeitava completamente a idéia de que a linguagem fosse uma “dádiva” da natureza ou um instinto; para ele eram os hábitos e tradições históricas e culturais num *continuum* evolutivo que originavam as línguas. Admitiu, porém, que talvez pudesse ter existido uma língua “primordial” da qual todas as outras teriam se derivado, mas para ele, em essência, as línguas eram um aspecto da cultura, uma criação daqueles que a falavam, em outras palavras uma arte. É, assim, pois, que Edward Sapir define a língua/linguagem:

é um método puramente humano e não-instintivo de comunicação de idéias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos. Entre eles, avultam primacialmente os símbolos auditivos, emitidos pelos chamados “órgãos da fala”. (SAPIR, 1971 p. 22)

Sapir nos oferece alguns argumentos que sustentam a sua conclusão de que a linguagem é “um método puramente humano”, “um sistema de símbolos voluntariamente produzidos” no sentido de que é uma conquista da cultura humana, não admitindo nenhuma base instintiva no ato de falar, ou seja, para ele a linguagem não pode ser explicada sob o argumento de que é uma espécie de instinto humano, ao contrário do ato de andar, pois “o processo de aquisição da linguagem é, em suma, coisa completamente diferente do processo de aprender a andar.” (SAPIR 1971, p. 17). Assim, o autor se manifesta sobre o assunto:

No caso desta última função, a cultura – em outras palavras a massa tradicional dos usos sociais – não entra propriamente em jogo. A criança é individualmente apta, em virtude do complexo conjunto de fatores a que chamamos hereditariedade biológica, a executar todos os ajustamentos musculares e nervosos que lhe são precisos para andar. Pode-se dizer que a própria conformação de tais músculos e das partes determinadas do sistema nervoso já é por si adequada aos movimentos que andar e atividades semelhantes impõem. Na realidade, o pequenino ser humano normal está predestinado a andar, não porque os adultos o assistam na aprendizagem, mas porque o próprio organismo, desde o nascimento, se não desde o momento da concepção, vem preparado para o dispêndio de

energia nervosa e para as adaptações musculares que exige a atividade de andar. Em resumo, trata-se de uma função biológica inerente ao homem.” (SAPIR, 1971 p. 17)

Mas, para ele o mesmo não ocorre em relação com a linguagem, pois:

É evidente que, até certo ponto o indivíduo humano está predestinado a falar, mas em virtude da circunstância de não ter nascido meramente na natureza, e sim no regaço de uma sociedade, cujo escopo racional é chamá-lo para as suas tradições. (SAPIR, 1971 p.17)

Sapir conclui em seguida afirmando que “andar é uma função orgânica e instintiva (embora não seja a bem dizer um instinto); falar é uma função não instintiva, uma função adquirida, ‘cultural’.” (SAPIR, 1971 p. 18)

Outro argumento utilizado pelo linguista relacionado com o anterior é o fato de que o nosso “sistema fonador” é constituído de órgãos cuja função principal nada tem a ver com a fala, ou seja, os seres humanos fazem uso da fala como um meio de transmitir suas ideias e emoções utilizando a emissão de sons complexos articulados através do uso de uma série de órgãos por uma mera conveniência, uma vez que,

Não há, a rigor, órgãos da fala; há apenas órgãos que são incidentalmente utilizados para a produção da fala. Os pulmões, a laringe, a abóbada palatina, o nariz, a língua, os dentes e os lábios servem todos para esse fim; mas não podem ser considerados órgãos primordiais da fala, da mesma sorte que os dedos não são órgãos de tocar piano nem os joelhos os órgãos da genuflexão religiosa. (SAPIR, 1971 p. 22)

Sapir também via com desconfiança a afirmação de que poderia existir um “órgão da linguagem” localizado em nosso cérebro que cuidasse especificamente de toda a nossa experiência linguística. Para ele,

(...) a linguagem, em si mesma, não é nem pode ser localizada de uma maneira definida, pois consiste numa relação simbólica toda peculiar – e fisiologicamente arbitrária – entre todos os elementos da nossa experiência, de um lado, e, de outro lado, certos elementos selecionados, localizados nas regiões auditiva, motriz, etc. do cérebro e do sistema nervoso. (SAPIR, 1971 p. 23)

Só podemos dizer que a linguagem está localizada no cérebro no sentido geral, e praticamente inútil, com que dizemos que todos os aspectos da nossa consciência, todos os interesses e toda a atividade do homem ‘residem no cérebro’. (SAPIR, 1971 p. 24)

Sapir enfatiza o fato de a língua/linguagem ter duas características gerais: universalidade e diversidade. Sobre a universalidade da linguagem diz Sapir que “pode-se pôr em dúvida que uma ou outra tribo se entregue a atividades dignas do nome religião ou de arte, mas não se sabe de nenhum povo que não possua uma linguagem plenamente desenvolvida.” (SAPIR, 1971 p. 33)

Todos os povos do mundo falam uma determinada língua natural e particular e nenhuma língua é igual à outra. Existe uma multiplicidade de formas linguísticas, todas elas complexas, que operam com uma lógica própria e coerente. Com o estudo das línguas indígenas da América, da África e da Oceania ficou fácil verificar que afinal as línguas dos povos que antes eram ditos “primitivos” na verdade muitas vezes eram tão complexas quanto às línguas dos “civilizados” que as estudavam. O estudo da forma linguística iniciado no *Manual* de Boas foi determinante nesse reconhecimento, e Sapir não desprezou esse fato, pois como ele mesmo admite: “Não passa de um mito a afirmação vulgar de que as línguas primitivas estão condenadas a uma extrema pobreza de expressão.” (SAPIR, 1971p. 34). E ainda

Muitas línguas primitivas possuem, aliás, uma riqueza de formas e uma luxuriância latente de expressões que eclipsam tudo o que se conhece nas línguas de civilização moderna. Até no simples setor do inventário lingüístico, o leigo deve se preparar para estranhas surpresas. (SAPIR, 1971 p. 34)

## COMENTÁRIOS FINAIS

Vimos que Edward Sapir foi um dos responsáveis diretos, seguindo a orientação de Franz Boas, pela mudança de posição teórico-metodológica de uma abordagem histórico-comparativa das línguas indígenas da América para uma posição puramente descritiva, consolidando uma nova linguística norte-americana no início da primeira metade do século XX. Esta passou a se preocupar com a estrutura formal das línguas e a enxergá-las sem a visão preconceituosa dos conquistadores europeus. Admitindo-se, como princípio, que não são “primitivas”, assim como não são “primitivos” os povos que as falam, nem as julgando “pobres” de expressão, pois uma análise mais meticulosa provou que são formalmente tão complexas e ricas quanto qualquer outra língua que se queira examinar na face da Terra.

Foi em sua principal contribuição para a Linguística, o livro *A Linguagem, introdução ao estudo da fala*, que Edward Sapir ressaltou a universalidade da linguagem e a diversidade das formas linguísticas e definiu a linguagem como um produto da história evolutiva da cultura humana assim como todos os outros aspectos culturais, como por exemplo, a religião, a arte, a música etc. A leitura dos capítulos primeiro e décimo de *A Linguagem* foi de fundamental importância para a compreensão das principais ideias de Sapir.

Neste trabalho foi ignorada a polêmica do relativismo e do determinismo linguístico, decorrente de uma interpretação, muitas vezes maliciosa e mal compreendida, das ideias de Sapir feitas pelo seu discípulo Benjamin Lee Worf e outros comentaristas, o que gerou a tão discutida hipótese Sapir-Worf. Tal questão poderá vir a ser abordada em outra oportunidade.

Sapir foi um estudioso convicto de suas opiniões. Foi um homem fruto do seu tempo, e por isso mesmo não poderia ser crucificado por certos anacronismos, pois algumas de suas afirmações podem muito facilmente ser contestadas hoje em dia, como sua opinião de que a linguagem não pode ser localizada no cérebro. Hoje a ciência avançou e os estudos com afásicos mostraram que danos em uma determinada área do cérebro, chamada área de Broca, podem comprometer a linguagem sem necessariamente comprometer a inteligência.

Em meados do século XX, Noam Chomsky volta a colocar em evidência a concepção inatista da linguagem. Infelizmente Sapir morreu em 1939, e, portanto não alcançou o *boom* da linguística decorrente dos estudos Gerativistas.

Hodiernamente, estudiosos como o psicólogo Steven Pinker, influenciados pela teoria da evolução de Charles Darwin, voltam a ressaltar o caráter instintivo da linguagem em detrimento da cultura. Mas mesmo com todo este cenário posterior à publicação de seu livro, Edward Sapir tem seu nome guardado para sempre como um dos maiores linguistas do século XX e seu livro, hoje um clássico da área, continua tão importante quanto o foi no passado.

## RESUMEN

Edward Sapir, un pupilo de Franz Boas y uno de los lingüistas más importantes del siglo XX, fue uno de los grandes pensadores de la lengua/lenguaje y el responsable de un cambio doctrinal en el estudio de las lenguas indígenas de América del Norte, de un enfoque histórico-comparativo a una abordaje descriptiva a la estructura de las lenguas. Para Sapir La lengua/lenguaje se configura como uno de los grandes logros culturales de la humanidad. En este trabajo, presentamos un poco de la vida y algunas de las ideas más relevantes de este importante lingüista y filólogo estadounidense, centrándose en su libro *El lenguaje, Introducción al estudio del habla*, su obra más importante.

Palabras Clave: Lingüística. Lenguaje. Cultura. Sapir

## REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. **Linguística Cartesiana**. Petrópolis: Vozes, 1972.

LYONS, John. **Lingua(gem) e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e Gramática: referente à língua portuguesa**. 13° Ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. Um Século de Estudos Lingüísticos nos Estados Unidos da América (1860 – 1960). In: SAPIR, Edward. **A Linguagem: introdução ao estudo da fala**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

PINKER, Steven. **O Instinto da Linguagem: como a mente cria a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SAPIR, Edward. **A Linguagem: introdução ao estudo da fala**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

